

#VemPraRua, #OGiganteAcordou: Protestos e rupturas sociais em um Brasil na era das revoluções midiáticas

Marcelo Salcedo Gomes¹

Resumo

O presente ensaio tematiza sobre o papel das mídias digitais nas manifestações que ocorreram no mês de junho de 2013 no Brasil. A partir de uma crítica das tecnologias da informação e comunicação sobre o prisma das mutações do capitalismo contemporâneo, proposta por Proulx (2012), buscamos entender algumas características dos usos e apropriações das TIC como meios de construção da resistência política do movimento brasileiro. Nossa proposição é que as “revoluções midiáticas” em curso nos diversos lugares do mundo afetam e potencializam a indignação dos brasileiros, que buscam suas próprias demandas em confluência com um sentimento de insatisfação global com as contradições e injustiças sociais sustentadas pelo modelo capitalista de consumo em parceria com os modelos políticos do século XX. A resistência se organiza e ganha força nas formas anônimas do agir político vetorizado pelas mídias digitais.

Palavras-chave:

1 Sociedade em rede; 2 Mídiação; 3 Manifestações no Brasil.

Abstract

This paper thematizes the role of digital media in the manifestations that took place in June 2013 in Brazil. From a review of the technologies of information and communication on the prism of changes in contemporary capitalism, proposed by Proulx (2012), we seek to understand some characteristics of the uses and appropriations of ICTs as a means of building the political strength of the Brazilian movement. Our proposition is that the "mediatized revolutions" in course in many parts of the world affect and enhance the indignation of the Brazilians, who seek their own demands in confluence with a feeling of dissatisfaction with the global contradictions and social injustice sustained by the capitalist model of consumption in partnership with political models of the twentieth century. The resistance is organized and gaining strength in anonymous forms of political action traced by digital media.

Keywords:

Network Society¹; Mediatization²; Manifestations in Brazil³.

¹Doutorando do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, com estudos na linha de pesquisa Mídias e Processos Audiovisuais. Mestre pelo mesmo programa, na linha de pesquisa Mídiação e Processos Sociais. Bacharel em Jornalismo e Fotografia Instrumental. E-mail para contato: salcedogomes@gmail.com.

1. O levante da indignação no Brasil

O mês de junho de 2013 pode ser considerado um marco na história política, social e, por que não dizer, comunicacional do Brasil. A onda de manifestações por melhores serviços públicos que tomou as ruas do país, mobilizando milhões de pessoas², deixou atônitos os políticos brasileiros, acostumados com a passividade da maioria da população diante da corrupção histórica. Até mesmo os conglomerados midiáticos, que formam a chamada “mídia corporativa” e dominam o mercado da informação no Brasil, foram surpreendidos pelas críticas dos manifestantes à sua forma monolítica de noticiar os acontecimentos e versar sobre a realidade social do país. A novidade desta grande mobilização esteve relacionada com a forma de organização (a partir do uso e apropriações das TIC para formação de redes de resistência na internet) e com a performance dos atores sociais (sem lideranças instituídas e renúncia a filiações a partidos políticos, sindicatos ou associações institucionalizadas).

Diante de tal cenário, o presente artigo objetiva propor um debate sobre algumas questões já levantadas por Proulx (2012) quando propõe uma “crítica das tecnologias da informação e comunicação (TIC) sobre o prisma das mutações do capitalismo contemporâneo”. Tomando como premissa que há um esgotamento do modelo capitalista, tal como conhecemos hoje, e uma emergência de propostas políticas que contemplem questões ambientais, de direitos humanos e da melhoria da qualidade de vida em detrimento do consumo, propomos que está ocorrendo uma espécie de “revolução midiática”³ operacionalizada por uma resistência anônima global.

² “Quase 2 milhões de brasileiros participaram de manifestações em 438 cidades” (AGÊNCIA BRASIL. Correio Brasiliense, 21 de junho de 2013). Disponível em: <<http://agenciabrasil.abc.com.br/noticia/2013-06-21/quase-2-milhoes-de-brasileiros-participaram-de-manifestacoes-em-438-cidades>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

³ O termo midiática tem ganhado destaque nas pesquisas em comunicação ao longo dos últimos anos. O livro da Compós 2012, cujo título é Mediação e Mediatização, propõe uma discussão teórica e metodológica sobre os termos para tentar construir bases epistemológicas sólidas. Neste trabalho, entendemos a mediatização, assim como Fausto Neto (2010) e Ferreira (2011), como uma reorganização sócio-tecnológica que altera o modo de interação humana e constitui um novo ambiente no qual a realidade inteligível se constrói via processos midiáticos na dinâmica da circulação e segundo o fluxo da própria rede, processo que ainda apresenta características de incompletude.

O movimento brasileiro, salvo suas particularidades, converge com uma postura que vem sendo adotada em protestos que vêm ocorrendo no mundo todo pelo menos desde a década de 1990, como se viu nas manifestações contra o encontro da OMC (Organização Mundial do Comércio) em Seattle no ano de 1999, nos Indignados da Europa (Espanha, Grécia, Portugal e Itália) em 2011, Occupy Wall Street em 2011 e muitos outros, que têm como características comuns: mobilização a partir da internet e sobretudo das “redes de relacionamento” (Twitter, Facebook etc), descrença nas formas de representatividade política através de partidos, ausência de líderes institucionalizados, descentralização das pautas reivindicatórias (que, genericamente, giram em torno da construção de um mundo mais justo e participativo) e a adoção, por uma parte dos manifestantes, da estratégia de mobilização em protestos denominada Black Bloc, que consiste em oferecer resistência contra a repressão policial e fazer performances de destruição de ícones do capitalismo (restaurantes fast food, bancos, multinacionais, revendedoras de automóveis etc), como simbólica de repúdio ao lucro como finalidade última da sociedade e a organização de um “poder cidadão” catalisado através das TIC.

Resta-nos saber como esta expansão da comunicação mediada por computador (*peer-to-peer*) potencializa um novo modelo de cultura da participação que visa suplantar as deficiências e aberrações sociais e econômicas da sociedade capitalista Moderna? É possível falar de uma nova forma de cidadania midiática a partir das TIC? As plataformas de participação da internet podem configurar um espaço de expressão que assegure novas formas autênticas do agir político? O que buscam os cidadãos nas manifestações? Estariam os atores sociais conscientes da potência de um poder cidadão que passa das plataformas web para ações políticas efetivas? Essas são perguntas importantes que não teríamos condições de responder neste pequeno ensaio, mas que são tomadas aqui como questões de horizonte para traçarmos, mesmo que incipientemente, algumas características dos usos e apropriações das TIC como meios de construção da resistência do movimento brasileiro, que foi às ruas protestar em junho de 2013. É neste sentido que gostaríamos de saber: qual foi o papel das TIC e da internet na formação da resistência política nos protestos brasileiros? Tentar responder

esta pergunta, na verdade, é tentar compreender a possibilidade de uma apropriação mais crítica das mídias em prol de uma cidadania mais efetiva e emancipadora.

Para tal empreendimento, analisamos a circulação de materiais relativos aos protestos encontrados na internet, procurando por fragmentos que nos mostram a flagrante dicotomia tanto das interações entre os manifestantes e seus simpatizantes (encontrada principalmente nas redes de relacionamento, plataformas de compartilhamento, blogs e pequenos sites) quanto da visão institucional de governos, academia e mídia corporativa (vistos em portais do dito “jornalismo tradicional”), procurando entender a complexidade das disputas simbólicas e da construção dos sentidos. Nossa proposição central é que, na medida que os atores sociais se midiaticizam, ou seja, começam a produzir comunicação apreendendo as lógicas de mídia, o poder representativo político e as instituições midiáticas se enfraquecem pela própria obsolescência dos modelos existentes. Criou-se a possibilidade das pessoas obterem informação independentemente dos meios de comunicação tradicionais, de se auto-organizarem sem a necessidade de lideranças, de se mobilizarem nos espaços urbanos sem a necessidade da convocação de partidos políticos ou sindicatos, ou seja, diminuiu-se o papel das instituições mediadoras.

Isto não significa que haja, automaticamente, uma resistência organizada e eficiente por parte dos atores sociais. Há muitos problemas na ideia tecnodeterminista de que a web, por si, fará a revolução. Um dos grandes problemas já colocados por Proulx (2012) é o desenvolvimento do que o autor chama de “pseudodemocracia”, causada pela alienação dos próprios internautas que se perdem em “desvios populistas” que reduzem a percepção do agir político a um universo do entretenimento acentuado por fenômenos como a cultura de fãs, redes de relacionamento, games etc (que não são ruins em si, mas que tornam-se problemas quando passam a ser referência de cidadania na internet).

A resistência nos protestos do Brasil se organizou em duas frentes principais, quais foram: uma sócio-operacional feita pelas milhares de pessoas que saíram as ruas e uma sócio-técnica que consistiu na mobilização através da internet. Por um lado os atores sociais protestaram com seus corpos ocupando o espaço urbano, portando

cartazes com múltiplas reivindicações, gritando palavras de ordem, organizando-se em blocos e resistindo à repressão policial, dos quais o Black Bloc é sua expressão mais radical. De outro, milhões de usuários da internet interagiram nas redes de relacionamento, trocaram informações sobre os motivos do protesto, produziram materiais de divulgação das ideias em blogs e plataformas de compartilhamento, criaram mídias alternativas para noticiar os acontecimentos e grupos de hackers, em especial o Anonymous, atuaram na invasão de sites governamentais e de grandes grupos de comunicação, postando mensagens de convergências com os protestos das ruas e divulgando informações sigilosas sobre o governo que fomentaram ainda mais o movimento.

Nesta perspectiva, as duas frentes atuaram simultaneamente de maneira mútua, sendo a principal característica comum (que difere dos movimentos de luta popular históricos do Brasil como o “Direta Já”⁴ e o “Fora Collor”⁵), a busca por um fortalecimento através da resistência anônima, seja no rosto coberto por lenços, máscaras de gás e passa-montanhas adotados pelos ativistas Black Bloc (proibidos em alguns estados), seja pela máscara do personagem Guy Fawkes (do HQ e filme *V de Vingança*, 2008) que tornou-se símbolo do Anonymous em todo mundo e que aparece de forma muito expressiva nas manifestações de rua. Os manifestantes parecem depositar esperança na figura do hacker, que, pelo conhecimento dos códigos informáticos, poderia resistir de forma efetiva, contra o provalecimento econômico das organizações capitalistas, afinal, o código informático está no centro da transformação do capitalismo contemporâneo (PROULX, 2012).

⁴ “Diretas Já foi um dos movimentos de maior participação popular da história do Brasil. Teve início em 1983, no governo de João Batista Figueiredo e propunha eleições diretas para o cargo de Presidente da República. A campanha ganhou o apoio dos partidos PMDB e PDS, e em pouco tempo, a simpatia da população, que foi às ruas para pedir a volta das eleições diretas.” (DUARTE, Lidiane. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/diretas-ja/>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

⁵ “Após muitos anos de ditadura militar e eleições indiretas para presidente, uma campanha popular tomou as ruas para pedir o afastamento do cargo do presidente Fernando Collor de Melo. Acusado de corrupção e esquemas ilegais em seu governo, a campanha “Fora Collor” mobilizou muitos estudantes que saíram às ruas [em 1992] com as caras pintadas para protestar contra o corrupto presidente.” (GASPARETO JUNIOR, Antonio. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/fora-collor/>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

2. Vem pra Rua, o Gigante Acordou, a Mídia Ninja cobriu e o Anonymous hackeou

De acordo com Proulx (2012), o capitalismo passou por três fases de desenvolvimento: o capitalismo industrial (1750 - 1945), caracterizado pela obtenção de lucro com base na organização do trabalho das fábricas mensurado pela força física dos trabalhadores; o compromisso fordista (1945 - 1975), no qual o trabalho humano se estabelecia pelo ritmo das máquinas, trabalhadores passaram a ganhar maiores salários e houve o surgimento da ideia de consumo como bem estar social; o capitalismo cognitivo ou imaterial (de 1975 ao atual), momento em que o trabalho passa a ser intangível, exige-se do trabalhador seus conhecimentos e sua subjetividade. Diante deste quadro, Proulx (2012), inspirado por Gollain (2010), analisa as mutações do capitalismo contemporâneo à luz de duas importantes interpretações.

Por um lado, Antonio Negri (1996) e Yann Moulier Boutang (2007) defendem o argumento de que há uma transformação denominada “capitalismo cognitivo”, na qual a “potência subjetiva” dos trabalhadores é capaz de transformar os modos de produção e formar o que Negri chama de “intelecto geral”, uma espécie de inteligência coletiva dos trabalhadores que é capaz de inventar e produzir. Neste cenário, há uma mudança na formas de acumulação das organizações que passam a valorizar mais o conhecimento e a criatividade do que as máquinas e a organização do trabalho como era na fase industrial. Assim, a empresa passa ser um empreendimento coletivo, já que o valor central é o conhecimento.

Por outro lado, Andre Gorz (1997, 2003) assume uma postura mais radical, e sua tese é que a emergência do que chama de “trabalho imaterial” significa uma crise no sistema capitalista, que invariavelmente levará ao colapso, até mesmo porque surge a dificuldade de se monetarizar o intangível. Ao invés de apenas transformação dos meios de produção, sua proposta é pensar em uma saída do capitalismo rumo a uma utopia pós-mercantil, uma sociedade onde as relações sociais seriam construídas fora das leis do mercado. Haveria a necessidade de uma libertação humana do trabalho na medida que a automação industrial reduziria a atividades do negócio produtivo e, ao contrário do que os empregadores desejam, os seres humanos poderiam usar suas aptidões e

capacidades para o lazer ao invés de capacitação para mais trabalho, formando assim a “sociedade do tempo livre”.

Sob a ótica destes dois pensamentos, acompanhamos a leitura feita por Proulx (2012), qual seja: que uma crítica política das TIC nos permite pensar não só em um novo modo de produção, mas também na possibilidade da saída do capitalismo através de algumas práticas revolucionárias do agir político que visam definir os termos de uso e apropriações das mídias digitais. O autor aponta três formas de agir segundo análises empíricas: Proulx *et al.* (2008) analisa as práticas do grupo de mídia popular *Communatique*⁶, de Quebec, que visa à promoção de acesso e apropriação social das tecnologias digitais; a segunda forma consiste na reconfiguração simbólica nas narrativas, imagens e discursos através do uso criativo das tecnologias, como faz o grupo canadense *Adbusters*⁷, que trabalha em uma perspectiva de adaptação e transformação do capitalismo mudando o fluxo das informações e a forma como as organizações exercem poder. A terceira forma seria aquilo que Gorz (2003) chama de “dissidentes digitais” que buscam a utopia pós-mercado e a extinção do capitalismo, como as comunidades de software livre, Wikileaks, Anonymous etc.

Podemos dizer que nos protestos brasileiros de junho há indícios destas três formas de agir político nas mídias digitais ocorrendo simultaneamente às manifestações nos espaços urbanos. Ao analisarmos alguns materiais que circularam pela internet, durante os meses de junho e julho de 2013, encontramos fragmentos de uma nova forma de organizar a resistência, um tipo de “revolução midiaticizada”, na qual as performances simbólicas dos protestos nas ruas, a construção de sentidos nas redes da web e as ações efetivas de ataques cibernéticos dos hackers às instituições, convergem para a ocupação de uma nova ambiência comunicacional (GOMES, 2010), que é a arena de toda inteligibilidade dos múltiplos discursos contemporâneos (FAUSTO NETO, 2005). É perceptível que houve um esforço dos atores para apropriar-se dos “dispositivos

⁶ Ver mais no web site do *Communatique*. Disponível em: <<http://www.communautique.qc.ca/>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

⁷ Ver mais no web site do *Adbuster*. Disponível em: <<https://www.adbusters.org/>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

mediáticos”⁸, descritos por Ferreira (2006), pois começam a perceber que isto afeta os processos sociais. Neste caso importa menos os ataques, na forma de barricadas, às materialidades do poder, do que a produção simbólica dos sentidos sobre estes ataques.

A primeira forma de agir político, nos termos de Proulx (2012, p. 7), pode ser evidenciada nos usos e apropriações das redes sociais para produção e disseminação de informações relativas às manifestações e de modo mais abrangente na discussão sobre a possibilidade de um “poder cidadão” construído através do acesso e do domínio das TIC. Duas das frases mais utilizadas nos cartazes dos manifestantes, “vem pra rua” e “o gigante acordou”, paradoxalmente, foram inspiradas em slogans de marcas conhecidas que circulavam em comerciais da TV aberta. Tendo em vista a abrangência da televisão como meio de comunicação nos países latino americanos, percebe-se que os atores sociais usam estratégias de resistência cultural contra-hegemônicas em apropriações bem humoradas de produtos da indústria cultural, assim como já demonstrou Martín-Barbero (1997) a respeito das “mediações culturais”, para construir sentidos diferentes dos oferecidos pelas instituições hegemônicas.

“Vem pra rua”, era a estrofe de um *jingle* do comercial da marca multinacional automotiva Fiat⁹ que, em sua narrativa, evocava os cidadãos para vir às ruas torcer pela Seleção Brasileira de Futebol. No entanto, a frase foi resignificada com ironia na voz de milhares de jovens pelas ruas do país, que entoavam “vem pra rua, vem, contra o aumento!”, referindo-se ao reajuste de vinte centavos na tarifa da passagem de ônibus da cidade de São Paulo, considerado o estopim das manifestações. A partir daí, #VemPraRua (Figura 1) tornou-se título de muitas páginas do Facebook e de perfis no Twitter, culminando na criação de um site sem fins lucrativos para divulgação de informações e mobilização cidadã.

⁸ Ferreira (2006) defende o dispositivo como objeto de investigação e faz a distinção de dispositivo no campo da comunicação (tecnologia) e da teoria social crítica (Foucault, Deleuze, Guatari). Propõe o dispositivo como “triádico e relacional” e torna o conceito operacional ao defendê-lo como objeto de investigação que contém três dimensões que se auto-determinam: sócioantropológica, semiolinguística e tecnológica, ou por outras palavras, uma tecnologia, um sistema de relações sociais e um sistema de representação.

⁹ Vídeo publicitário “Vem pra Rua”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=SxMIwZZPlcM>>. Acesso em: 11 ago. 2013.

Da mesma forma, “o gigante acordou” foi inspirado na linguagem publicitária empregada em um comercial de TV da marca Johnnie Walker¹⁰, no qual o Pão de Açúcar, um dos símbolos da cidade do Rio de Janeiro e também do Brasil, transforma-se em um imenso gigante de pedra que sai andando. Internautas apropriaram-se desta narrativa do gigante que simbolicamente representa o povo que acordou de sua hibernação e que caminha pelas cidades para exigir o fim da corrupção política e melhores serviços públicos com um uso mais ético dos altíssimos impostos pagos. A #OGiganteAcordou (Figura 2), foi apropriada por páginas criadas no Facebook e em perfis no Twitter, mobilizando milhões de pessoas em torno do tema dos protestos. Também tornou-se um site comunitário que funciona como um repositório de conteúdo das diversas redes que se filiaram à causa como #acordabrasil, #NãoaCorrupção, #Changebrazil etc.

Em torno destas hashtags estão organizadas apenas uma parte das páginas em redes sociais, plataformas de compartilhamento, sites e blogs que surgiram a partir do movimento de indignação no Brasil, há muitas outras que servem como espaços de interação alternativos aos meios de comunicação corporativos, nas quais o debate político está sendo feito fora das esferas institucionais dos partidos ou dos governos. Uma das discussões mais latentes esteve relacionado com os casos de violência policial contra os manifestantes que, em um primeiro momento, não foi pauta para as matérias das grandes empresas jornalísticas. As primeiras narrativas da mídia corporativa foram no sentido de por em dúvida a legitimidade das manifestações, dando ênfase para as ações de destruição de prédios públicos e de empresas privadas pelo Black Bloc. Entretanto, na medida que os próprios atores sociais produziram relatos, fotografias e vídeos sobre as agressões a todo tipo de manifestantes e jornalistas que estavam fazendo as coberturas dos protestos, os veículos de imprensa internacional produziram matérias que relatavam a truculência da polícia¹¹, forçando os grupos que dominam o negócio de

¹⁰ Vídeo publicitário “O gigante acordou”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=MLU95q0BgQA>>. Acesso em: 11 ago. 2013.

¹¹ Artigo falando sobre a violência policial nos protestos do Brasil, publicada no website do Aujourd'hui em 14/06/2013. Disponível em: <<http://bresil.aujourdhuilemonde.com/sao-paulo-la-4eme-manifestation-marquee-par-les-violences-policieres>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

comunicação do país a trazer à luz estes fatos, até mesmo porque a busca pelo reconhecimento da imprensa como instância mediadora ainda é uma meta, pois funciona como o contrapeso da balança no “modelo de negócio” jornalístico, que historicamente costuma dosar os interesses empresariais com a oferta de “produtos de informação”.

Poderíamos considerar que a segunda forma do agir político, tal como proposto por Proulx (2012), poderia ser evidenciado no surgimento do coletivo Mídia Ninja¹². Um grupo de jornalistas/ativistas que trabalhou nos protestos do Brasil em 2013 transmitindo vídeos em tempo real das manifestações pelas plataformas de compartilhamento da internet usando equipamentos amadores como *smartphones* e unidades de transmissão precárias montadas em carrinhos de supermercado. Ninja é a sigla para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, e seus integrantes defendem a ideia de uma cobertura alternativa à mídia corporativa, principalmente às imagens das grandes redes de televisão do Brasil, das quais a gigante Rede Globo é a expressão máxima, seguidas de suas concorrentes Record, SBT, Band TV e outras. A vantagem de seu serviço, segundo seus idealizadores, é que os acontecimentos são mostrados ao vivo, sem cortes e do ângulo de visão de um manifestante comum que está vivenciando a experiência no local. Não há edições técnicas do material e tudo é transmitido gratuitamente pela internet que permite a visualização direta, pelo plataforma de compartilhamento de vídeos ao vivo TwitCasting¹³, do que os ativistas ligados ao transmissor do Mídia Ninja estão filmando em seus aparelhos.

O indício mais evidente de que a Mídia Ninja ganhou importância no cenário da comunicação social no Brasil foi que este novo modo de cobertura, denominado pelos próprios integrantes do grupo de “midiativismo” obteve uma severa reação dos setores da indústria do jornalismo. Em pouco tempo, proliferaram textos com o objetivo de

¹² Ver mais no perfil do Mídia Ninja no Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/MidiaNINJA>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

¹³ Canal da Mídia Ninja na plataforma de compartilhamento de vídeo Twitcasting. Disponível em: <<http://www.twitcasting.tv/midianinja>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

desmoralizar o trabalho do Mídia Ninja. Os jornais Folha de São Paulo¹⁴ e Estadão¹⁵, dois dos maiores do Brasil, mobilizaram alguns de seus melhores jornalistas para publicar críticas ao tipo de cobertura feita pelos Ninjas (como se autodenominam os membros do coletivo). Até mesmo uma improvável congruência entre duas das revistas mais ideologicamente antagônicas, Veja¹⁶ (que é opositora do governo federal do PT e da Presidente Dilma Rousseff) e Carta Capital¹⁷ (que sempre assumiu uma postura de apoio ao PT), foi possível na elaboração de críticas com o objetivo de atacar a qualidade técnica do trabalho, a parcialidade política (pois não consideraria opiniões divergentes dos manifestantes) e da forma de financiamento do coletivo Mídia Ninja.

O mais emblemático episódio destas críticas se desenvolveu em uma entrevista de representantes do Mídia Ninja ao programa Roda Viva¹⁸, exibido ao vivo dia 05 de agosto na TV Pública (TVE). O jornalista Bruno Torturra, um dos responsáveis pelas transmissões das ruas e Pablo Capillé, um dos gestores do Circuito Fora do Eixo¹⁹, espécie de rede de coletivos culturais que é o financiador do Mídia Ninja. Durante a maior parte da entrevista, jornalistas (das grandes redes de comunicação), pesquisadores e profissionais de comunicação experientes fizeram perguntas sobre a forma de financiamento das operações do Mídia Ninja, sua possível ligação com o PT e sua opinião sobre as ações do Black Bloc, deixando pouco espaço para discussões sobre a inovadora forma de noticiar os fatos. A maioria das perguntas foi feita a partir da tese de

¹⁴ Artigo criticando o Mídia Ninja na Folha Online, publicado no dia 10/08/2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1324584-grupo-midia-ninja-e-chamado-de-seita-por-ex-integrante.shtml>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

¹⁵ Artigo criticando o Mídia Ninja no Estadão publicado dia 16/08/2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,media-ninja-e-o--futuro-desfocado-,1064592,0.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

¹⁶ Crítica da Revista Veja ao produtor cultural Pablo Capillé, ligado à Mídia Ninja. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/pablo-capile-o-lider-da-midia-ninja-vive-entre-dois-mundos-um-pe-fora-do-eixo-o-outro-dentro-do-governo/>>. Acesso em: 05 set. 2013.

¹⁷ Crítica da Revista Carta Capital à Mídia Ninja. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/fora-do-eixo-6321.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

¹⁸ Entrevista dos integrantes do Mídia Ninja ao programa Roda Viva, dia 05/08/2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vYgXth8QI8M>>. Acesso em: 12 ago. 2013

¹⁹ Website do Coletivo Fora do Eixo: Disponível em: <<http://foradoeixo.org.br/>> Acesso em: 12 ago. 2013.

que o Mídia Ninja – financiado pelo Fora do Eixo (que em parte seria sustentado por dinheiro público advindo de verbas disponibilizadas para projetos de cultura via editais públicos) – estaria ligado aos interesses do PT, argumento controverso se pensarmos que as manifestações tiveram como efeito a queda da popularidade da presidente ²⁰ Dilma Rousseff, que caiu 27% após os protestos de junho.

Polêmicas à parte, o mais relevante para nossa análise neste trabalho está no fato de que uma nova forma de organização do trabalho jornalístico, ou pós-jornalístico, surge como modelo de transformação das formas de produção capitalista, uma vez que propõe uma mudança no fluxo das informações a partir das (re)apropriações das tecnologias digitais que diminui o poder da organização sobre o trabalho dos indivíduos, uma vez que o valor está na subjetividade dos trabalhadores e não no parque industrial que sustenta a empresa. Neste sentido, poderíamos dizer que se aproximaria do um modelo de “capitalismo cognitivo”, como proposto por Negri (1996).

E, finalmente, a terceira forma de agir político viabilizado pelas TIC foi colocada em prática pela ação dos grupo de hackers, principalmente do Anonymous Brasil, que participou amplamente do protestos. Através de seu website e das diversas páginas nas redes sociais e plataformas de compartilhamento da web destinados ao público brasileiro, o Anonymous divulgou diversas informações sobre os múltiplos motivos dos protestos e da falta de transparência dos governos e das empresas para justificar o aumento das tarifas de transporte urbano, que motivou o início das grandes manifestações.

Ciberataques a websites do governo e de organizações foram realizadas durante todo o período em que aconteciam as passeatas nas ruas. O primeiro foi a invasão da página da Secretaria de Educação de São Paulo no dia 13 de junho. A página oficial da Copa do Mundo na Cidade de Cuiabá foi invadida no dia 17 de junho para publicação de diversos vídeos que registravam atos de violência policial contra os manifestantes. No dia 18 junho, o Anonymous hackeou o website oficial do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) para postar fotos dos protestos.

²⁰ Pesquisa do IBOPE sobre a avaliação do governo, publicada dia 28/07/2013. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Avaliacao-do-governo-Dilma-como-otimo-ou-bom-cai-para-31.aspx>> . Acesso em: 12 ago. 2013.

A conta da Veja no Twitter²¹ foi invadida no dia 19 de junho, em repúdio pelas matérias tendenciosas que a revista publicou contra os protestos. Já com a conta hackeada, os Anonymous publicaram quatro twits: “Jornalismo fascista nós não precisamos de vocês.” A #LUTA CONTINUA #Brasil #OGiganteAcordou #Brasil #rEvolução”; “Aos mais velhos: Desliguem suas TVs, deixem o telejornal fascista de lado e venham para as ruas hoje, Vamos #LUTAR JUNTOS! @AnonManifest”; “Nem a polícia e nem a Mídia irão nos calar! #BRASIL” e “A TODOS os estados do #Brasil, vamos dar um xou hoje! #OGiganteAcordou e vai ser impossível parar VAI PRA CIMA BRASIL”. Neste mesmo dia, a conta da Presidente Dilma Rousseff no Instagram²² foi hackeada e a seguinte mensagem foi publicada: “Senhora presidenta da República ou a senhora faz alguma coisa ou o Brasil vai parar. Nós não vamos tolerar mais. O Gigante acordou”, com as hashtags #AnonymousBrasil, #VemPraRua, #OGiganteAcordou e #Brasil.

Como acontece em outras partes do mundo, o Grupo Anonymous Brasil é fundamentado na “ética hacker” e se autodescreve como uma ideia ou conceito que na prática se constitui em um conjunto de especialistas que se organizam em forma de comunidades online descentralizadas e atuam de forma anônima para alcançar objetivos comuns, como a construção de uma cultura da participação global, a promoção da liberdade de expressão e um mundo mais justo. É neste sentido que se aproxima mais de uma “utopia pós-mercado” e “anti-capitalista”, proposta por Gorz (2003) e corrobora com as causas dos indignados que se espalham por várias partes do planeta. O que mais chama atenção no caso dos protestos brasileiros é a adesão dos manifestantes nas ruas à máscara e camisetas que representam simbolicamente o Anonymous. Os diversos grupos, desde os Black Blocs até os adolescentes que vão com seus pais a atos pacíficos, parecem depositar confiança na figura do “dissidente digital”, que age em

²¹ Artigo da Folha Online sobre a invasão da conta Veja no Twitter. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1296409-conta-da-veja-no-twitter-e-hackeada.shtml>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

²² Artigo de O Globo Online sobre a invasão da conta da Presidente Dilma Rousseff no Instagram. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/conta-de-dilma-no-instagram-hackeada-8724516>> Acesso em: 12 ago. 2013.

prol de causas justas e tem condições de lutar de igual para igual com um poder perverso que hoje também depende da tecnologia informática para se manter.

3. A esperança de uma resistência simbólica anônima e global

Podemos considerar que a jornada de protestos no mês de junho de 2013 no Brasil eclodiu com tamanha potência e intensidade que não foi fruto de um problema imediato e localizado, mas de uma configuração complexa de condições sociais que levaram à produção da indignação brasileira. A urgência da mídia industrial em classificar, esquadrihar e “normalizar” (Foucault, 1996) uma situação sem precedentes fez com que muitos analistas de diversas áreas fossem convocados para explicar o que ocorria. A maioria dos prognósticos apressados, quase todos diferentes entre si, não levou em conta que a situação do Brasil não pode ser vista como apartada de um fenômeno de indignação mundial que vem sendo possível pela ascensão de uma cultura da participação vetorizada pelas TIC.

A falta de entendimento de como se configura a “sociedade em rede” (CASTELLS, 2007), faz proliferar teorias da conspiração como a tese do governador do estado do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, quando fez declarações para o jornal Zero Hora²³ de que uma organização anarquista internacional estaria por trás do Black Bloc em Porto Alegre, será que ele pressupõe que não há autonomia política dos próprios indignados? Ou se refere ao Anonymous? De qualquer forma, este argumento parece ter vindo diretamente de uma espécie de mantra das esquerdas das décadas de 1960 e 1970 na qual toda política que não advenha dos “ideiais marxistas” é a “extrema direita fascista” que quer acabar com a democracia. Talvez este esgotamento político/ideológico, este pensamento dicotômico que não entende a multiplicidade de ideias que se expressa na internet impulsiona ainda mais o nascimento destas novas formas do agir político através das mídias digitais.

²³ Notícia publicada em Zero Hora sobre declarações do governador Tarso Genro, sobre uma supostas conspiração para atacar a democracia: Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/06/tarso-avalia-que-minoria-fascista-dominou-as-manifestacoes-de-rua-4177563.html>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

Observamos que o movimento de resistência política do Brasil organizou-se, assim como muitos outros movimentos pelo mundo afora (indignados europeus, occupy Wall Street, primavera árabe etc) através de duas frentes: uma operacional, que tomou fisicamente as ruas dos centros urbanos, e uma técnica, que se estabeleceu pela ocupação das mídias digitais e pela disputa de produção de sentido nas mídias corporativas. Assim, as três formas do agir político, descritas por Proulx (2012), estiveram presentes no usos e apropriações das TIC como forma de resistência nos protestos brasileiros de 2013. A primeira se refere ao uso das redes sociais e plataformas de compartilhamento para disseminação de ideias do protesto com o intuito de mobilizar mais cidadãos a lutar pelas causas propostas (melhorias na educação, saúde e transporte públicos, combate à corrupção etc) e como espaço de organização das passeatas nas ruas. A segunda forma se expressou em ações como do Mídia Ninja e outros atores sociais que, através dos usos das TIC, propuseram uma nova forma participativa de produção da informação sobre os acontecimentos. E a terceira forma, mais radical, é o ciberataques do grupo Anonymous às instituições políticas e organizacionais que representam as contradições do capitalismo contemporâneo.

É muito importante notar que as três formas de agir político nas mídias digitais, mesmo que independentes entre si, complementaram e impulsionaram o movimento político que ganhou as ruas. E foi exatamente esta forma de organização da resistência em rede, mencionada pelos analistas mas não compreendida em sua complexidade, que caracterizou o ineditismo e abrangência das manifestações por todo país. Não se trata mais de movimento de massa, mas de movimento em rede. A massa possui um líder, uma única ideologia que a faz andar em um único sentido, neste caso uma massa só pode se opor a outra massa contrária. O movimento em rede é rizomático (DELEUZE e GUATTARI, 1997) e se estende em múltiplas direções, admitindo entradas e saídas em todas as ramificações, como também o contraditório dentro do próprio organismo. Por outras palavras, quando os governantes brasileiros buscavam conferências com os líderes do movimento, não compreendiam a dinâmica desta nova forma de fazer política que, justamente por ser inédita, não encontra representação nos modelos partidários e sindicais do século XX, estando a solução ainda por ser inventada.

As discussões sobre a eficiência pragmática dos protestos nas transformações sociais no Brasil continuam em debate. Há os que defendem que “O gigante acordou, mas voltou a dormir” pois, apesar de haver ainda manifestações, elas ocorrem com menos frequência e com menor número de participantes e há os que acreditam que este foi apenas o primeiro passo para uma mudança cultural sem precedentes na história do Brasil, uma vez que o povo finalmente tomou consciência de seu protagonismo político. Para nossas proposições aqui, importa menos a funcionalidade dos protestos do que a análise da experiência que demonstrou a potencialidade das TIC na construção de uma política crítica que leva em conta a participação direta do cidadão. Os exemplos mais contundentes deste poder cidadão foram o discurso urgente que a presidente Dilma Rousseff teve que fazer, em cadeia nacional de rádio e TV, para responder às demandas dos manifestantes e a aprovação, sob pressão popular, de uma emenda constitucional pelo Congresso Nacional, denominada de PEC 137, na qual a corrupção tornou-se crime hediondo.

Neste sentido, propomos que há “revoluções midiáticas” em curso, uma vez que não se trata mais de revoluções de substituição de um poder por outro, mas uma disputa pela apropriação dos “dispositivos midiáticos” (FERREIRA, 2006) responsáveis pela construção social da própria realidade. Os atores sociais passam a operar sob lógicas de mídia, até mesmo porque os “jogos midiáticos” não são mais objetos estranhos aos olhos dos “nativos digitais”, antes pelo contrário, sua própria forma de ser e agir no mundo passa a levar em consideração a mediação. Desta forma, quanto mais os atores se mediatizam, mais a mídia tradicional enfraquece seu poder de mediadora e as formas políticas do século XX enfraquecem seu poder de representação. A lógica do *peer-to-peer* passa a fazer parte do cotidiano das pessoas e as práticas sociais passam a ser operadas por ligações sócio-técnicas através das rede telemáticas configurando o *zeitgeist* contemporâneo.

Nossas análises nos levam a propor que uma resistência global se organiza e ganha força nas formas anônimas do agir político vetorizado pelas mídias digitais. Principalmente na força simbólica de figuras como o ativista mascarado do Black Bloc, nas máscaras adotadas pelo grupo Anonymous e até mesmo na multidão de atores

distribuídos pelas redes sociais (impossíveis de serem todos “catalogados”). O anonimato funciona como uma proteção ao poder de retalhação das organizações capitalistas àqueles que ousam, publicamente, desafiar o poder instituído, configurando assim a luta da “multitude contra o império” (NEGRI, 1996). Além disto, sinaliza a busca por uma multiplicidade de ideias que não poderia se traduzir em rostos de líderes, a exemplo de experiências políticas passadas, pois tornam-se hegemônicos assim que assumem o poder. E, neste sentido, o hacker emerge como arquétipo de um novo sujeito político que em sua clandestinidade ética não busca o poder político vertical, mas a disseminação da cultura da participação que visa uma utopia pós-mercado (GORZ, 2003) através da socialização dos códigos informáticos, que configuram os “genes” da nova economia. Se este imaginário corresponderá, e em que grau, com práticas sociais efetivas, só os fatos futuros nos dirão.

Referências

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2007

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Capitalismo e esquizofrenia - Mil platôs Vol 2**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

FAUSTO NETO, Antônio. **A circulação além das bordas**. In: Mediatización, Sociedad y Sentido, Diálogos Brasil - Argentina. Rosário: UNR, 2010.

_____. **Mediatização prática social, prática de sentido**. Encontro da rede Prosul “Comunicação e Processos Sociais”, PPGCC - Unisinos, São Leopoldo, 2005, 17 p.

FERREIRA, Jairo. **Uma Abordagem triádica dos dispositivos midiáticos**. Líbero (FACASPER), v. 1, p. 1-15, 2006.

_____. **As instituições e os indivíduos no ambiente das circulações emergentes**. Paper: PPGCOM - Unisinos. São Leopoldo, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1996.

GOMES, Pedro Gilberto. **Sociedade em mediatização: saudade ou esperança?** Paper: PPGCOM - Unisinos. São Leopoldo, 2010. 7 p

GOLLAIN, Françoise. **L'apport d'André Gorz au débat sur le capitalisme cognitif**. In: Revue du Mauss, 35, pp. 541-558. 2010.

GORZ, André. **Misères du présent, richesse du possible**. Paris: Galilée, 1997.

_____. **L'immatériel**. Paris: Galilée, 2003.

MOULIER BOUTANG, Yann. **L'immatériel d'André Gorz**. Disponível em: <<http://multitudes.samizdat.net/L-immateriel-d-Andre-Gorz>>. Acesso em: 14 ago 2013. (février 2008).

MARTÍN-BARBERO, Jésus. **As formas mestiças da mídia**. In: Pesquisa FAPESP, n. 163, setembro de 2009. p. 10-15.

_____. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

NEGRI, Antonio. **Marx au-delà de Marx**. Paris: L'Harmattan, 1996.

_____. **Inventer le commun des hommes**. Paris: Fayard, 2010.

PROULX, Serge. **La critique des technologies de l'information et de la communication à l'épreuve des mutations du capitalisme contemporain**. In: Colloque Où (en) est la critique en communication ? Congrès Acfas, Montréal, 7-8 mai, 2012.

_____, COUTURE S. e RUEFF J. (Org.). **L'action communautaire québécoise à l'ère numérique**. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2008.